



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉTICA E MORAL PARA ENGENHEIROS

UFPR - ST - DEQ / DEBB



Primeira redação em outubro de 2013.

"Aqui se ergue a pedra feia e ruim. Seu preço é muito baixo! Quanto mais a desprezam os néscios, mais a amam os sábios."
Frase do alquimista Arnaldus de Villanova, gravada em pedra por Carl Jung.

"Um círculo e no centro um homenzinho diminuto: pupila; tu mesmo, tal como te vêes na pupila do olho de um outro."
Carl Jung; gravado em pedra por ele mesmo.

Bosquejo do Pensamento Junguiano

O presente texto se insere no segundo módulo do presente curso; o que trata do ser humano em si e que procura mostrar dentre outros pontos os condicionadores da conduta (ética) humana. No entanto o que é aqui visto, já enriquece o que será apresentado no módulo seguinte, de detalhamento, na visão de pensadores extraordinários, dos melhores caminhos para o bem de nós mesmos e dos demais.

Carl Gustav Jung (pronuncia-se Iung,) é um dos fundadores, ao lado de Freud, da psicanálise moderna; da análise sistemática da mente humana. Nasceu na Suíça em 26 de julho de 1875; produziu ao longo de toda a existência e faleceu após curta enfermidade em 6 de junho de 1961. Seus trabalhos preenchem 19 volumes e muitos ainda não foram traduzidos para o Inglês. Criou um ramo da ciência conhecido como Psicologia Analítica ou Junguiana ou ainda Complexa, que se distingue da Psicanálise Freudiana, por uma noção mais alargada da libido e pela introdução dos conceitos de inconsciente coletivo, sincronicidade e individuação. Ou seja, Freud concebe o inconsciente dentro de limites estritamente pessoais. Jung estuda o inconsciente não só a nível pessoal, mas também como inconsciente comum a toda a espécie humana e mesmo transcendente a esta. Ambos basearam suas conclusões em experimentação e observação. Freud não tinha formação filosófica e portava uma visão de mundo materialista. Jung era amante da filosofia, de outras áreas do conhecimento humano e profundamente espiritualista. A tendência da psicanálise no momento é basicamente freudiana.

Embora cientista renomado da área médica e médico atuante, muito de seu trabalho foi a exploração de outras áreas do conhecimento e cultura humanas, incluindo filosofia ocidental e oriental, alquimia, astrologia, antropologia, arqueologia, sociologia, bem como literatura e artes. Buscava, portanto, e tinha uma postura de integração de saberes.

Carl é filho de Paul Achilles Jung, pastor rural da Igreja Luterana e de Emilie Preiswerk Jung, oriunda de família abastada. Emilie passava boa parte de seu tempo em seu próprio quarto, isolada e encantada com os espíritos que ela dizia que a visitavam durante a noite. Jung tinha um melhor relacionamento com seu pai, devido à excentricidade de sua mãe. Embora normal durante o dia, Jung afirmava que durante a noite a sua mãe tornava-se misteriosa. Em uma destas noites, ele viu uma figura levemente luminosa e indefinida vindo de seu quarto, com a cabeça separada do corpo e flutuando no ar frente a este.

Ainda menino, esculpiu um pequeno boneco na ponta de uma régua de madeira e colocou-o dentro de uma caixa. Em seguida, adicionou uma pedra que ele havia pintado em duas metades: superior e inferior e escondeu a caixa no sótão. Periodicamente, visitava o boneco da caixa, muitas vezes trazendo pequenas folhas de papel com mensagens escritas sobre eles, numa língua secreta sua. Mais tarde, ele refletiu que este ato cerimonial lhe trazia uma sensação de paz e segurança internas e descobriu semelhanças entre esta experiência pessoal e o emprego de totens por civilizações primitivas. Concluiu bem mais tarde, que tal ato cerimonial era um ritual intuitivo inconsciente, praticado de forma muito semelhante em locais distantes e desconhecidos dele quando criança. Suas descobertas, dentre elas, as quanto aos arquétipos da psique humana e inconsciente coletivo foram inspiradas em parte, por experiências pessoais.

Para a escolha da futura profissão, além da questão financeira, fazer algo de útil como ser humano lhe atraía. Após estudar medicina na Universidade de Basel, iniciou sua vida profissional em hospital psiquiátrico de Zurich. Em 1903, casou com Emma Rauschenbach e com ela teve cinco filhos. O casamento se manteve até a morte de Emma, em 1955.

Em 1906, aos 30 anos, publicou e enviou uma cópia de um de seus livros a Sigmund Freud. Os dois se encontraram pela primeira vez no ano seguinte, quando conversaram quase que sem intervalos por cerca de 13 horas. Seis meses depois Freud, então com 50 anos de idade, enviou a Jung uma coleção de seus últimos ensaios publicados, o que se constituiu no início de amizade, intensas trocas de cartas e colaboração. Os dois influenciaram-se mutuamente. Jung familiarizou-se com a ideia de inconsciente e passou a defender a interpretação de sonhos e a nova abordagem psicanalítica. Freud necessitava de colaboradores para validar e difundir seus estudos; a clínica psiquiátrica de Zurique onde Jung atuava era renomada e suas pesquisas já lhe davam reconhecimento internacional. Freud chamava Jung "seu filho adotivo mais velho, seu príncipe herdeiro e sucessor".

Jung enfatizava a importância do desenvolvimento sexual e reconhecia a existência de uma parte inconsciente que contém a seu modo, a cultura de nossa espécie. A libido seria uma fonte importante para o crescimento pessoal e formação do núcleo da personalidade. Freud não aceitava tais considerações.

Jung não concordava com a abordagem personalista freudiana, que negligenciava as condições históricas e o meio onde o homem estava inserido. Argumentava que dependemos muito de nossa história. Que somos moldados através da educação e pela influência dos pais, que por sua vez não está relacionada apenas a uma questão pessoal deles. Portanto preconceitos e são

por sua vez influenciados por conceitos históricos e este é um fator muito importante na psicologia. Não seríamos de hoje ou ontem, mas fruto de um período histórico imenso.

Em 1912 Jung publicou a 'Psicologia do Inconsciente', que se constituiu em marco final da dissolução da amizade e da divergência de ideias e conclusões freudianas. Em seguida Jung renunciou ao cargo de presidente da Associação Psicanalítica Internacional, para o qual tinha sido eleito com o apoio de Freud.

Como é usual entre os psicanalistas até os tempos atuais, Jung explorou ele mesmo seu inconsciente. Os sonhos são manifestações simbólicas deste universo. Sonhos seus transcritos em papel logo após o acordar eram analisados por Freud e vice versa. Pelas conclusões posteriores de Jung, nas primeiras análises, tende a aflorar o mundo inconsciente pessoal de cada um e por Freud, nele, os impulsos caóticos, os desequilíbrios e as repressões. Só mais tarde o inconsciente coletivo é mais facilmente observado, juntamente com suas características ordenadoras e pacificadoras.

Após o desentendimento com Freud, Jung passou por uma transformação psicológica fundamental e difícil, que foi agravada pela notícia da Primeira Guerra Mundial. Nela atuou como médico do exército e comandante de um campo hospitalar suíço, país tradicionalmente neutro. Jung trabalhou para melhorar as condições dos soldados refugiados das duas facções em combate e encorajou-os a participar de cursos universitários.

Em 1913, com a idade de trinta e oito anos, Jung experimentou segundo ele, um horrível 'confronto com o inconsciente'. Ele tinha visões e ouvia vozes. Supôs-se por vezes psicótico ou esquizofrênico.

Frente a qualquer dificuldade da existência, duas são as alternativas naturais: o medo, a paralisação ou a fuga ou então o combate e a confrontação.

Ele concluiu que o que vivenciava era uma experiência valiosa e terminou por induzir, observar e analisar e não reprimir suas alucinações, ou em suas palavras, sua 'imaginação ativa'. Registrou tudo o que sentia e imaginava e transcreve suas anotações em um grande livro vermelho, na qual ele trabalhou intermitentemente por 16 anos. Jung deixou instruções póstumas sobre a disposição final deste manuscrito. Por décadas menos de duas dezenas de pessoas o tinham visto e parcialmente fotografado, armazenado que estava em cofre bancário. Em setembro de 2009 um seu neto, gerente dos arquivos Junguianos, decidiu publicá-lo. Durante o período em que trabalhou no livro, Jung desenvolveu suas principais teorias de arquétipos, inconsciente coletivo, e processo de individuação. Dois terços das páginas trazem pinturas alusivas aos textos, criadas pela mente e fixadas pelas mãos do próprio Jung.

Em 1924 viajou ao Novo México estudando a cultura dos povos de lá. Em 1925 para países da África Oriental, para compreender a 'psicologia primitiva', através de conversas com habitantes culturalmente isolados. Concluiu que os padrões principais eram comuns aos dele próprio e aos da psicologia dos povos europeus. Em 1937 realizou uma longa viagem para a Índia. A filosofia hindu tornou-se um elemento importante na compreensão do papel do simbolismo e da vida do inconsciente. Na época o famoso instrutor Ramana Maharshi, focado na realização do ser, lá habitava. Jung o reconheceu como absorvido no Self, no Eu total Junguiano, mas admitiu não compreender seu processo particular de auto realização.

Jung ressaltou a importância dos direitos e dos espaços individuais no Estado e na sociedade. O Estado frequentemente seria tratado como uma personalidade semi animada de quem tudo se espera. Tal personalidade apenas camuflaria os indivíduos que o manipulam e seria um tipo de escravizador. O Estado tenderia a se sobrepor à espiritualidade, procurando usurpar o lugar de Deus, a política partidária seria comparável a uma religião e a escravização ao Estado, basicamente uma forma de adoração. Bandas de música, bandeiras, banners, desfiles e manifestações monstro não seriam essencialmente diferentes, em princípio, a procissões eclesásticas, e os tiros de canhões ao fogo para afugentar os demônios. Do ponto de vista de Jung, esta substituição de Deus pelo Estado em sociedades massificadas leva ao mesmo fanatismo da Era das Trevas observado no ocidente a partir do século terceiro. Quanto mais o Estado é adorado, mais a liberdade é reprimida. Tal repressão deixaria os indivíduos, impedidos de livre expressão, psicologicamente subdesenvolvidos e com sentimentos extremos de marginalização.

Jung propôs que a arte pode ser usada para aliviar ou conter sentimentos desagradáveis oriundos de traumas, o medo ou a ansiedade e também para reparar, recuperar e curar. Em seu trabalho com os pacientes e nas suas próprias explorações pessoais, afirmou que a expressão artística do imaginário pessoal pode ser útil na dissolução de sofrimentos emocionais. Em momentos de estresse, ele mesmo desenhava, pintava, esculpia ou construía considerando tais atividades mais do que apenas lazer.

O trabalho de Jung exerceu significativa influência cultural. Livros de Hermann Hesse ou filmes de Federico Fellini são apenas dois dos inúmeros exemplos que poderiam ser observados.

O desacordo primário de Jung com Freud surgiu como já mencionado, de visões diferentes do inconsciente. A teoria do inconsciente freudiana seria incompleta e desnecessariamente negativa. Freud concebeu o inconsciente apenas como um repositório de emoções reprimidas e desejos. Jung concordou em parte com tal modelo, chamado de 'inconsciente pessoal freudiano', mas ele também observou a existência de um segundo nível, muito mais profundo e subjacente a um pessoal. Este seria o inconsciente coletivo, sede de arquétipos primários fundamentais. Na psique, haveriam conteúdos que não são produzidas por nós mas que teriam vida própria.

Muitos fatos levaram Jung a tal constatação. Cita como exemplo o relato de um esquizofrênico quanto a suas observações do sol e da origem do vento, semelhantes ao descrito em papiro antigo, cujo texto só foi divulgado quatro anos depois. Um texto inédito que o doente não teria como ter tido conhecimento prévio.

A rigor Freud chegou a mencionar a existência de um nível coletivo para o funcionamento psíquico, os '...remanescentes arcaicos: formas mentais cuja presença não pode ser explicada por qualquer coisa na vida do próprio indivíduo e que parecem ser primitivos, inatos, e herdados...' , mas o viu como meramente secundário e marginal. Para Jung, neste nível inconsciente

residem as estruturas e predisposições a partir das quais as experiências do indivíduo seriam interpretadas e organizadas. Tal dinâmica de organização seria semelhante para qualquer membro da humanidade. '... existe um segundo sistema psíquico de natureza coletiva, universal e impessoal, que é idêntico em todos os indivíduos. Este inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Trata-se de formas pré-existentes; os arquétipos, que podem tornar-se conscientes e secundariamente dão forma definitiva a certos conteúdos psíquicos'.

A palavra arquétipo provém do latim e do grego; archetypum e arkhétypon, significando modelo ou tipo primitivo ou original. Refere-se ao modelo ou ainda paradigma a partir do qual se faz uma obra material ou intelectual. A palavra paradigma alude ao conjunto de regras, normas, procedimentos e processos. A um certo modo de interpretar fatos.

Para Platão os arquétipos seriam modelos ideais, inteligíveis, supremos e perfeitos, a partir dos quais toda a coisa sensível, perceptível pelos sentidos, seriam cópias imperfeitas. A partir dos quais tudo seria copiado.

Na resignificação Junguiana, seriam adicionalmente estruturas residentes no inconsciente de todo o indivíduo, comuns a nossa espécie, que tendem a emergir nos mitos, nos contos, nas lendas e tradições populares e em todas as produções imaginárias do homem. Imagens psíquicas e símbolos ancestrais em contínuo movimento, presentes na parte mais profunda do inconsciente humano, os arquétipos seriam herdados e basicamente independentes de grupo, etnia ou povo. Os arquétipos não seriam memórias coesas e palpáveis no contexto ou definição clássica de memória, mas são o conjunto de crenças, valores e comportamentos básicos e informações comuns, inconscientes, que nos impulsionam na existência.

Muitos reconhecem não haver nenhuma dúvida de que Jung estava convencido de que os arquétipos proporcionam prova de alguma forma de comunhão com a divindade.

Como comentário suplementar, suponhamos que os estudos de Jung estão corretos: que existem padrões culturais gravados indelevelmente, que se manifestam de forma simbólica ao consciente. Sabemos por outro lado, e isto já foi discutido, que as palavras e sons que usamos para comunicação são essencialmente signos de ideias residentes em nossas mentes. Constituem-se numa expressão simbólica do modo como percebemos e compreendemos as coisas do universo. Se a compreensão humana característica está gravada em arquétipos que se exteriorizam ao mundo consciente e se palavras são símbolos de nossa interpretação do mundo, natural esperar que tais palavras e sons não sejam tão somente rabiscos e balbucios estabelecidos por mera convenção, mas sim num estudo mais profundo, mostrem relação direta com os padrões primitivos característicos do ser humano. O estudo de um bom dicionário, analisando significados básicos das palavras, bem como seus sinônimos, a princípio permitiria perceber parcialmente tais padrões.

A meta final da Psicologia Analítica é a individuação. Jung considera a individuação o processo central do desenvolvimento humano. Seria o processo de passagem de conteúdos, da esfera inconsciente para o campo consciente da psique, com a manutenção do equilíbrio e da autonomia do Ser. A gradual integração do consciente com o inconsciente coincidiria com o gradual crescimento da criatura humana. Tal ampliação da consciência promoveria a evolução do ser humano de um estado infantil e indiferenciado, para outro de crescente maturidade e diferenciação. Possibilitaria a integração dos opostos e a dissolução dos conflitos.

Através desse processo, o indivíduo identificar-se-ia menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do si mesmo; da totalidade do seu ser. Entretanto Jung ressaltou que o processo de individuação não entra necessariamente em conflito com a moral geral coletiva do meio no qual o indivíduo se encontra, uma vez que esse processo, no seu entendimento, leva o ser humano a adaptar-se e inserir-se com sucesso dentro de seu ambiente, tornando-se um membro ativo de sua comunidade.

Eventuais resistências em permitir o desenrolar natural do processo de individuação seria uma das causas do sofrimento e da doença psíquica, uma vez que o inconsciente tenta compensar a unilateralidade do indivíduo; o indivíduo limitado ao seu pequeno e restrito ego.

A individuação seria um processo a rigor infundável, obtida pelo paulatino conhecimento de si mesmo, o que inclui a observação e entendimento do mundo ainda não consciente em cada um. Seria um processo de transformação, pelo qual o inconsciente pessoal e coletivo é trazido à consciência, por meio de sonhos, imaginação ativa ou livre associação, para dar alguns exemplos, para terminar por ser assimilado e compreendido por todo o ser. Seria um processo necessário para que a integração da psique tenha lugar.

Além de alcançar a saúde física e mental, as pessoas que teriam avançado em direção à individuação, tenderiam a ser harmoniosas, maduras e responsáveis. Eles incorporariam em suas vidas os valores humanos característicos, tais como liberdade e justiça e teriam um bom entendimento sobre o funcionamento da natureza humana e do Universo .

Tal pensador observou a meta da individuação como sendo equivalente à "Opus Magna", ou "Grande Obra" dos antigos e mais esclarecidos alquimistas, ou seja, a autorrealização.

O trabalho e os escritos de Jung a partir de 1940 focaram-se na alquimia . Em 1944 publicou *Psicologia e Alquimia* , onde analisou os símbolos alquímicos e mostrou uma relação direta com o processo psicanalítico. Argumentou que o processo alquímico é a transformação da alma impura (chumbo), através das etapas de enegrecimento, clareamento, vermelhidão e amarelecimento até a alma aperfeiçoada (ouro), e uma metáfora para o processo de individuação. Em 1963 foi publicado pela primeira vez o *Mysterium Conjunctionis* onde discute o arquétipo da união sagrada entre o sol e a lua.

A estrutura do ser humano como um todo, pelas conclusões Junguianas, poderia ser descrita: O ego através da persona, interagindo com o mundo externo, na região consciente. Nas regiões mais superficiais do inconsciente, aquele pessoal, com suas forças caóticas (id), seus mecanismos repressores (superego) e seus conflitos inerentes. Por fim o inconsciente coletivo com seus arquétipos de harmonia, de luz e sombra, animus e anima e outros. Além disto, o mestre suíço constatou algo impressionante para a época. Que haveria uma ligação profunda entre toda a humanidade e entre todos os seres vivos (*Unus Mundus*).

Anima seria o arquétipo do feminino e animus do masculino no ser humano. Quando um homem se apaixona por uma mulher, estaria projetando nela, sua anima residente e por tal motivo ela lhe pareceria irresistível. Mecanismo complementar seria o da paixão de uma mulher por um homem.

Nenhum ser humano tolera uma vida sem significado. Temos a necessidade de autorrealização, na qual o ego seja herói, espelhando harmonia com sua realidade interior.

Ao rumarmos para o autoconhecimento que é a conscientização do ego de seu próprio self, passamos a nos confrontar com nossos aspectos mais luminosos e também com os sombrios.

O ego pode resistir ao apelo natural por realização. Por outro lado, tem a necessidade de se autoconhecer e analisar-se, de modo a explorar seu Inconsciente profundo (self) e entender o que tem a fazer para realizar-se. O sonho, a imaginação ativa, o observar de coincidências, permitiriam restabelecer o diálogo entre a consciência e o inconsciente, percebido inicialmente como ameaçador pelo ego. O ego que teria efetuado longa jornada de distanciando de sua origem, agora pretenderia um retorno proximal.

O inconsciente pessoal resultaria da história de vida de cada um enquanto o inconsciente coletivo, da história e cultura da humanidade em cada pessoa, e em nível mais profundo, de todos e de tudo vivente.

As várias imagens arquetípicas apresentam dualidade de luz e sombra; bem e mal.

No inconsciente pessoal reside o conflito do id com o superego. No coletivo, a dualidade de luz e sombra e a própria ciência do coletivo. Quando processamos adequadamente os conflitos, as dualidades e os saberes, ocorreria integração. O processo adequado inclui conhecer, observar, enfrentar e aceitar.

Algumas pessoas podem se transtornar. Alguns abandonam completamente seu *modus vivendis*, com troca de emprego, casamento, fé religiosa, cidade, país, e apresentam outros comportamentos inesperados. A pressão interna oriunda da urgência por autorrealização pode ficar insuportável. Eventualmente ocorrem doenças graves, físicas ou mentais e há ainda quem não sobreviva.

Em sua teoria psicológica, que não está necessariamente ligada a uma determinada teoria de estrutura social, o ego consciente aparece como uma personalidade gerada pelo próprio indivíduo ou através da socialização, aculturação e suas experiências.

A palavra *persona*, como a maioria tem conhecimento, alude às máscaras, trajes característicos básicos, que os atores gregos empregavam para determinar quem representavam nas peças teatrais. O ator, por trás delas é quem lhes conferiam vida. As *personas* como que distorciam e limitavam o ator, para fazê-lo adequado ao papel que executava.

Jung considerava tal máscara como um sistema complexo que intermedia a consciência com o meio social. Um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, naquilo que é conveniente que um homem pareça ser. Exerceria a função de fazer uma determinada impressão para os outros e de esconder pelo menos parte da verdadeira natureza do indivíduo. A individuação seria um processo de conhecimento tanto desta máscara, quanto do que se encontra por trás dela, permitindo dentre outros pontos, modificações adequadas, a solução de conflitos e o controle dos impulsos interiores.

No campo profissional as ideias Junguianas são frequentemente empregadas com objetivo diametralmente oposto. Procura-se transformar a *persona* dos executivos em máscara corporativa convincente aos outros, a eles mesmos e adequada aos objetivos não do indivíduo, mas do meio empresarial no qual se encontram. A personalidade dos subordinados é avaliada e testada, facilitando assim seu controle e gestão. Jung num certo sentido pretende o afrouxamento da *persona* enquanto que o descrito pode ser considerado em parte um enrijecimento e afastamento do que há por trás dela. As próprias ambições profissionais de cada um são capazes de provocar tal distorção.

Cada um tende a se comportar como os demais esperam e termina por acreditar que aquela máscara que está a usar é ele mesmo. É uma máscara gerada em parte pelas expectativas sociais e em parte pelas expectativas do próprio sujeito. Mas não é absolutamente o eu real. O indivíduo pode terminar por usar uma *persona* em casa, outra no trabalho e assim sucessivamente e quanto mais pronunciada as diferenças entre as máscaras que a mesma pessoa assume e dá veracidade como sendo ela própria, mas neurótica ela se torna, pois as conduta destas *personas* se chocam e contradizem. O indivíduo perde a unidade e se dispersa.

A vida do homem contemporâneo estaria tão voltada a exterioridades; seria de tal ordem unilateral, ignorando as realidades de seu mundo interior que tal universo de cada indivíduo de hoje, encontrar-se-ia em franca rebelião contra uma forma de vida totalmente inumana. Precisariam ter algo para compensar a dissociação com sua própria natureza e continuamente recorrer a subterfúgios para pacificar seu inconsciente, em contínua comoção.

O maior conhecimento de si mesmo e a indiferença pelas expectativas do meio, possibilitaria a realização das expectativas mais profundas do próprio ser e desta forma, tendo-se nascido com potência, o indivíduo paulatinamente torna-se aquilo que em potência já é.

De acordo com Jung, uma criança não nasce como uma 'tabla rasa' como anteriormente se supunha. A criança seria um ser muito complexo, com determinantes, predisposições e orientações que se manterão por toda a vida. É portadora desde o nascimento de um caráter; de uma complexidade herdada definida. Nasceríamos de um padrão e seríamos em certo sentido um padrão. Um padrão que nos faz especificamente humanos e não haveria ninguém que nascesse sem ele. Entretanto seríamos profundamente inconscientes deste fato, por que vivemos pelos sentidos e fora de nós mesmos. Se observássemos o mundo interior descobriríamos isto, mas tal atitude seria totalmente não usual em nossos tempos.

O padrão de funcionamento e de conduta se manifesta através de imagens arquetípicas. O costume dos povos de contar histórias seria o conhecimento da necessidade que todos tem de conhecer e agir em conformidade com tais padrões.

As fantasias do ser humano seriam fatos reais e é fato que o indivíduo as tenha. Pela fantasia de um indivíduo outro morre ou uma ponte é construída. Tudo de palpável surge de uma fantasia. Não ser palpável uma fantasia, não significa que não seja real. A fantasia tem realidade, seria uma forma de energia que ainda não poderíamos mensurar e é a manifestação de algo. Quando se observa as imagens ou fantasias da mente, se observa os fatos deste mundo interior.

Por vezes o inconsciente tem a dizer coisas tão desagradáveis ou inconvenientes que optamos por não escutar. Na maioria das vezes seríamos menos neuróticos se pudséssemos, apesar da existência de um grau usual de repressão, admitir e aceitar tais coisas.

Os sonhos são manifestação do inconsciente e este encontra-se em relação compensada com o consciente. A cada mensagem do inconsciente decifrada pelo consciente, uma nova e mais rica mensagem é gerada no inconsciente. Entendido um

determinado problema cabe ao homem ajustar sua conduta. Utilizar ou não o conhecimento que gera o seu comportamento para alterá-lo adequadamente é a verdadeira questão moral.

Num contexto mais geral, podemos dizer que talvez o diagnóstico de qual seja a conduta mais adequada, não seja o problema mais difícil ou árduo, mas sim convencer-se disto e agir efetivamente de modo mais ético.

O homem sempre viveu dentro de uma estrutura de mitos. Agora ele estaria mutilado, sendo levado a viver sem mitos e sem história, a que está naturalmente conectado.

A mitologia seria uma série de imagens que constituiriam a vida dos arquétipos. São uma exteriorização dos processos mitológicos interiores. O homem não seria completo se não estivesse consciente de tais aspectos ligados aos fatos da existência. É o modo padrão interior natural de interpretação dos fatos pelo homem. O homem não seria completo caso enxergasse o mundo e vivesse de acordo com a visão de um mundo probabilístico e estatístico. Por outro lado, tenderia a completude se vivesse de acordo com a sua realidade humana. A visão atual é uma visão de médias. As qualidades humanas que por definição fogem da média são eliminadas e isto não seria apropriado ou saudável. Privaria as pessoas de seus valores específicos que os fazem indivíduos que seria a experiência mais importante da vida. O experimentar o seu próprio valor, que se encontraria na singularidade, apesar de inserida no coletivo. Viver sem mitos e sem história é totalmente anormal e doentio e abafaria os valores criativos da personalidade.

Por trás do mundo consciente de um indivíduo há atuando um mito a nível inconsciente que se estende através dos séculos. Um padrão para o ser humano e seu comportamento. Ideias arquetípicas emanando de outras. Ações promovidas por condicionantes comportamentais coletivos originam outras, do mesmo modo regidas pelas mesmas estruturas de resposta comportamentais. A capacidade de observar esta estrutura possibilitaria prever em alguma proporção o futuro das coletividades humanas. Assim, por exemplo, Jung afirmou ter previsto por volta de 1919, o advento de grandes perturbações na Alemanha, através do estudo da mente de seus pacientes alemães.

A segunda guerra mundial foi um fato histórico marcante. Diria mais tarde que Hitler parecia o duplê de uma pessoa real. O verdadeiro Hitler estaria deliberadamente escondido a fim de não perturbar o processo histórico. Não se poderia falar com ele porque não haveria ninguém lá. Ele não seria um indivíduo, mas sim uma nação inteira.

A obra de Jung sobre si mesmo e seus pacientes convenceu-o de que a vida tem um propósito espiritual, além dos objetivos materiais. Nossa principal tarefa, ele acreditava, é descobrir e cumprir o nosso potencial inato em profundidade. Baseado em seus estudos sobre cristianismo, hinduísmo, budismo, gnosticismo, taoísmo e de outras tradições, concluiu que a jornada de autotransformação, que ele chamou de individuação, é o centro místico de todas as religiões. É uma viagem ao encontro do Eu total e que vai além dele até o Divino. Ao contrário de visão de mundo materialista de Sigmund Freud, Jung tendia ao panteísmo e estava convencido que a experiência espiritual era essencial para nosso bem-estar. Freud encarava a religiosidade como uma doença humana necessária. Jung como um bem, relacionado à sanidade mental. A individuação é processo de integração do consciente ao inconsciente, onde residiria o conceito profundamente arraigado de algo ordenado e ordenador que transcende ao próprio homem. Vale lembrar que a palavra religião vem do latim religare; ligar a pessoa àquilo que lhe transcende.

As conclusões de Jung sobre religião e o entendimento de seu valor prático para a individuação são um contraponto histórico ao ceticismo e censura freudianas.

Deus e o Eu, psicologicamente estariam intimamente relacionados. Isto, pelo pensamento junguiano, não significaria que Deus e o Eu seriam a mesma coisa.

As mandalas, as representações geométricas ordenadas, expressas pelo inconsciente e representadas pelas culturas humanas, seriam exemplos de arquétipos que representam ou esquematizam tanto o Eu residente no inconsciente mais profundo, quanto Deus, o Universo e a Totalidade. Em momentos de desordem do indivíduo, tais mandalas surgiriam como uma busca pela ordenação da mente. Os conflitos residentes no inconsciente pessoal freudiano seriam solucionados pela ordem observável ao nível do inconsciente coletivo. Tais representações sugerem um centro que não coincide com a personalidade e alude sim, à totalidade, ao Eu que não pode ser abarcado pela personalidade consciente. Tais mandalas seriam os arquétipos fundamentais.

A disputa por correligionários, entre espiritualistas e materialistas costuma ser acirrada. Materialistas veem nas religiões a origem de todos os males da humanidade e nesta disputa tentam provar que grandes cientistas, principalmente os mais atuais, pretensamente mais esclarecidos e a princípio imunes à ignorância, seriam ateus. Interessante observar que o maior número de fatalidades humanas provocadas no século XX, foram ocasionadas por dois movimentos políticos de origem em teorias racionais: o nazismo e o comunismo. O primeiro de orientação francamente egocêntrica; o segundo institucionalmente materialista. Cabe assim transcrever literalmente o testemunho de viva voz de Carl Jung para a televisão inglesa:

Entrevistador: 'E o senhor acreditava em Deus?'

Jung aos 84 anos: 'Oh sim!'

Entrevistador: 'E acredita agora?'

Jung: 'Agora? Difícil responder. Eu sei! Não preciso acreditar. Eu sei!'

Deus é uma verdade pessoal. De acordo com Platão qualquer conhecimento é uma crença que posteriormente se confirma, de modo que sem crença inicial, nenhum conhecimento posterior se realiza.

Jung descreve um tipo de experiência pessoal que chama de numinosa. 'O numinoso, indiferentemente quanto a que causa possa ter, é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade... O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência.' Desafia explicações, porém parece conter uma mensagem individual que, embora misteriosa e enigmática, também é profundamente impressionante. Jung observava que a crença, consciente ou inconsciente; uma disponibilidade prévia para confiar em um poder transcendente, era uma condição prévia para a experiência do numinoso. O numinoso não poderia ser conquistado; o indivíduo poderia somente abrir-se para ele. Porém, uma experiência do numinoso seria mais que uma experiência de uma força tremenda e compulsiva; é um confronto com uma força que encerra um significado ainda não revelado, atrativo e

profético ou fatídico. Jung via o encontro com o numinoso como uma característica de toda experiência religiosa. A numinosidade seria um aspecto de uma imagem de Deus supraordenada, quer pessoal quer coletiva.

Investigações de experiências religiosas convenceram-no de que, em tais ocasiões, conteúdos previamente inconscientes rompem as barreiras do ego e dominam a personalidade consciente da mesma maneira como o fazem as invasões do inconsciente em situações patológicas. Contudo, uma experiência do numinoso não é habitualmente psicopatológica. Diante de relatos de encontros individuais com o divino, a ele apresentados, Jung sustentava que necessariamente não seriam prova da existência de Deus; porém, em todos os casos, as experiências eram de uma profundidade tal que meras descrições não poderiam dar conta de seus efeitos. A psicologia humanista contemporânea denomina tais experiências como experiências máximas dos seres. (Cf. Samuels et al.)

Por Jung as pessoas buscam uma experiência arquetípica que lhes dê um valor incorruptível. As pessoas dependeriam de condições externas: de seus desejos, de suas ambições, de outras pessoas, porque não teriam ciência de valor nelas mesmas; não teriam se apossado de um tesouro que os faria independentes. Tal valor resultaria em liberdade. Com tal experiência espiritual o indivíduo seria capaz de continuar seu caminho, sua senda, sua libertação e sua individuação. Ele se converteria naquilo que é desde o princípio.

Cada homem é chamado a tornar-se aquilo que potencialmente é, tal como uma semente se converte numa árvore. No entanto alguns teriam tal destino obstaculizado. Segundo Jung, poderia ser diferente se tivessem tido o conhecimento e informações apropriadas ou se tivessem dedicado mais tempo a si mesmos no sentido de explorar-se e conhecer-se. Mas isto não seria popular, usual, comum, propagandeado. As pessoas seriam chamadas a uma vida não refletida e superficial. O ponto de vista usual é totalmente voltado para o que ocorre fora de nós mesmos.

Por outro lado o homem não suporta uma vida sem significado; não aceita que sua vida não seja significativa.

Quanto a morte, Para Jung, uma parte das faculdades da psique humana, não estão limitada ao espaço e ao tempo e tal fato seria evidente e observável no presente e em todos os períodos da história da humanidade. Se há tal parcial independência, a consequência é a de que uma parcela da psique não está sujeita às leis que regem o tempo e espaço, o que indicaria uma continuidade prática de algo do ser humano, mesmo após o eventual desaparecimento no espaço e uma eventual interrupção no tempo.

A atitude de Jung com relação ao mal era pragmática. Como repetidamente dizia, não estava interessado nele em uma perspectiva filosófica, mas, sim, de um ponto de vista empírico. Como psicoterapeuta, era com o julgamento subjetivo da pessoa quanto àquilo que constituía o bem e o mal que ele percebia ter de lidar em primeiro lugar. O que poderia, em determinadas circunstâncias, parecer o mal ou, ao menos, sem significado e sem valor, poderia, a um nível mais elevado da consciência, parecer uma fonte de bem.

Quando menino, Jung foi levado a encarar o lado escuro, impuro e naquele tempo inadmissível de Deus em uma visão que conceituou posteriormente como a sombra do Deus cristão. Bem mais tarde observou que nas profundezas do inconsciente, luz e sombra; bem e mal formam uma unidade paradoxal.

A noção de bem e mal seriam princípios de nosso julgamento ético e como princípios, de ordem superior e mais poderosos que o julgamento pessoal, não podendo, portanto ser relativizados. Ao ser humano não seria permitido dar-se ao luxo de direcionar-se ao mal impunemente. Os humanos têm de lidar com o mal como tal. Em diferentes épocas de sua carreira, Jung foi duramente criticado por teólogos por sua insistência na realidade do mal. Não podemos saber o que o bem e o mal são em si mesmos, insistia ele, porém os percebemos como julgamentos e em relação à experiência. Ele os via não como fatos, mas como respostas humanas a fatos e, assim, em sua opinião, nenhum dos dois poderia ser considerado como diminuição ou privação do outro. Psicologicamente, aceitava ambos como 'igualmente reais'. O mal assume seu lugar como uma realidade efetiva e ameaçadora em oposição ao bem, uma realidade psicológica que se expressa simbolicamente tanto na tradição religiosa como o demônio, como na experiência pessoal.

A contribuição de Jung no campo da ética e da moralidade era do ponto de vista de um analista e psiquiatra: 'Por trás da ação de um homem não se encontra nem a opinião pública nem o código moral, mas a personalidade da qual ele ainda é inconsciente'. O problema da moral se apresenta psicologicamente quando uma pessoa encara a questão de saber no que ela pode se tornar em comparação com o que ela irá se tornar se determinadas atitudes forem mantidas, decisões tomadas ou ações estimuladas. Jung reconhece deste modo a orientação natural, francamente consequencialista de toda a criatura humana. Afirmava que a moralidade real não é invenção da sociedade, mas sim inerente às leis da vida. É o homem agindo com consciência de sua própria responsabilidade para consigo mesmo.

Contrastando com o superego Freudiano, Jung sugeria que era o princípio de individualidade inato que compele toda pessoa a fazer julgamentos morais em concordância consigo própria. A responsabilidade primária com o ego, por um lado, e, por outro, as necessidades do Eu integral, relacionadas àquilo que este tem por destino se tornar é capaz de fazer as mais difíceis solicitações. Tais apelos pareceriam ter pouca ou nenhuma relação com o convencionalizado nos meios sociais, contudo manteriam equilíbrio com eles.

A capitulação, a renúncia e o sacrifício consciente do ego em prol das necessidades do Eu, aparentemente não traz uma satisfação exterior pessoal e imediata, mas 'funciona', usando a expressão de Jung.

Qualquer encontro com um arquétipo apresenta um problema moral. Jung parece dizer ser possível dizer um não ou ao contrário, agir em conformidade ao clamor do Self. Porém, tentar ignorar ou negar o Self seria imoral, porque nega o único potencial de alguém para ser.

Jung é de opinião que o que faz os grandes homens e a diferença entre eles está no que conhecem deles mesmos e nas coisas que ocorrem em seu interior.

'Precisamos de maior entendimento do homem; da natureza humana. O único perigo real existe em nós mesmos e não temos consciência disto; não sabemos nada do homem.'

A natureza não cria métodos de extermínio em massa ou de destruição do meio vital. A natureza não os constrói ou aciona. A natureza não delega poder a poucos indivíduos para decidir a existência de todos e de tudo. 'Somos o maior perigo! A psique é o maior perigo! Quão importante é saber sobre ela! Mas não sabemos nada sobre ela!'

O Eu é meramente uma palavra que descreve a totalidade da personalidade, mas a personalidade total de um homem é inalcançável. Sua consciência pode ser descrita, mas seu mundo inconsciente não, porque do inconsciente nada se saberia realmente. Não conhecemos nossa personalidade inconsciente; temos apenas pistas e certas ideias. Não se pode dizer onde termina o homem.

De acordo com Jung, nós necessitamos desenvolver o homem espiritual interior. O indivíduo único cujo tesouro está oculto nos símbolos de nossa tradição mitológica e em nossa mente inconsciente.

'...Não vem o Reino de Deus com uma visível aparência... Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o Reino de Deus está no meio de vós.' Lucas 17: 20-21. João 10:30. João 14:28. Mateus 11:28-30. João 10:34.

Paul Fernand Milcent
Um seu amigo

Referências Bibliográficas:

Aquino, T. G. Comunicações pessoais. Outubro de 2013.

Bíblia. Novo Testamento. Diversos autores.

Carl Jung - El Mundo Interior - Documental Completo. O Mundo no Interior de Carl Jung em suas Próprias Palavras. C.G. Jung Institute of Los Angeles. 1990. 1h2min. Visualização em outubro de 2013.

<https://www.youtube.com/watch?v=OsMgeVZ1Qbg>

Face To Face com Carl Jung / Entrevista - Legenda PT/BR Entrevista com o psiquiatra Carl Gustav Jung. 22 de Outubro de 1959. Programa Face To Face da BBC. 38 min. Visualização em outubro de 2013.

<https://www.youtube.com/watch?v=h2WkkPtTT1w>

Samuels, A.; Shorter, B.; Plaut, F. Dicionário Crítico de Análise Junguiana. Rubedo (Edição eletrônica.)

<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/listaver.htm> ; <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/numinoso.htm>.

Visualizado em outubro de 2013.

Wikipédia seção inglesa: Carl Gustav Jung. http://en.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Visualizado em outubro de 2013.

Wikipédia seção inglesa: Inconsciente Coletivo. http://en.wikipedia.org/wiki/Collective_unconscious. Visualizado em outubro de 2013.

Wikipédia seção portuguesa: Individuação. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Individua%C3%A7%C3%A3o>.